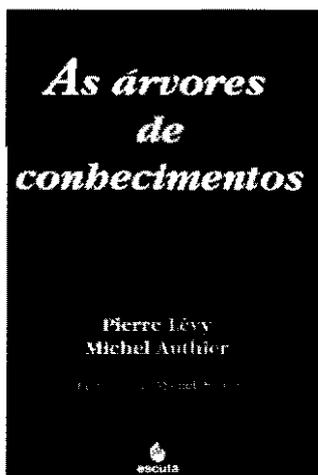


## AS ÁRVORES DE CONHECIMENTOS



de **PIERRE LEVY** e **MICHEL AUTHIER**  
São Paulo: Escuta, 1995, 188 p.

por **Rodolfo Verano Iozzi**, aluno do CEAG da EAESP/FGV.

**U**ma forma de democracia para a era do conhecimento: o livro de Pierre Lévy e Michel Authier revela-nos uma maneira original de aquisição e reconhecimento de saberes que poderá agir sobre o nosso atual sistema de ensino e formação, além de ajudar os governos na promoção de políticas públicas para combater os males sociais e, conseqüentemente, resgatar a massa de desfavorecidos que se estende mundo afora.

Tomando por base o *software* já existente de árvores de conhecimentos, suas proposições parecem um tanto ambiciosas, talvez de difícil aplicação, não por problemas técnicos ou de ordem prática, todos devidamente esclarecidos no decorrer da leitura, mas sim pelo seu caráter renovador no campo dos conhecimentos e das relações sociais, indo de encontro com instituições há muito estabelecidas. No entanto, o sistema proposto não necessita ser uma iniciativa vinda de cima para baixo; caberá a todos, individualmente ou coletivamente, a responsabilidade por essa iniciativa de transformá-lo de uma possibilidade em algo concreto.

Do prefácio extraímos explicações importantes acerca de identidades, pertinências, diplomas e o que é definido como o verdadeiro público. Esse público, ou "coletivo" (escola, empresa, associação de bairro,

clube etc.), é identificado pelo sistema de árvores de conhecimentos. O tamanho e a qualidade de um coletivo pode ser mapeado num determinado momento, constituindo a soma de todos os indivíduos que abrange, resultado da agregação ou desaparecimento dos saberes que estes possuem.

Na primeira parte do livro, os autores, a fim de facilitar a fixação dos conceitos, utilizam fábulas para ilustrar o sistema aplicado em algumas situações do cotidiano, fornecendo um panorama do que pode ser um dia a sociedade vista sob o prisma de uma nova forma de aquisição e reconhecimento de saberes.

Na primeira narrativa, denominada "O Brasão de Amandine", já é possível ter uma boa idéia dos benefícios do sistema. Nele, todos podem contribuir com os conhecimentos possuídos: um dos conceitos sustentados é que não existe saber que não possa ser transmitido; ninguém é conhecedor do saber absoluto, assim como não existem pessoas desprovidas de saber. Os coletivos podem então construir suas árvores, reunindo e sistematizando as competências que lhe são pertinentes para a identificação daquelas que estão à disposição da coletividade: a árvore constitui o coletivo numa comunidade de saber. A viabilidade da disposição das competências se dá através da adoção de um sistema de sinais (símbolos) que identifica cada uma delas e que são definidos como "patentes", pertencentes ao coletivo. Outro ponto defendido no livro é que o saber não comporta classificação quanto ao seu conteúdo como condição para ser depositado numa árvore como patente. De fato, um sistema que desponta com um potencial para auxiliar no combate à exclusão educacional e social deve facilitar o acesso das pessoas às novas possibilidades de relações sociais. Assim, mesmo uma pessoa sem instrução poderá obter, por exemplo, patentes como Português ou Matemática a nível básico. As patentes são ordenadas quanto ao grau de dificuldade próprio a cada uma delas; ou seja, as mais elementares situam-se na base do "tronco" por serem essenciais para a obtenção das seguintes, mais especializadas e situadas adiante (nos galhos, por exemplo).

Assim como as competências, o conjunto de conhecimentos de uma pessoa também é identificado por um símbolo: o brasão. Este pode ser comparado ao modelo de currículo atualmente adotado, só que adaptado para o sistema. Sua vantagem é que as capacidades de uma pessoa, seja ela especialista em Astronomia ou no cultivo de frutas tropicais, podem estar todas representadas no brasão.

Uma característica importante, decorrente do caráter democrático que reveste o sistema, é que o brasão não só é pessoal, no qual cada indivíduo é reco-

nhecido pelas competências possuídas - evidenciando uma forma nova de identidade - num determinado estágio de desenvolvimento, mas também é acessível a todas as pessoas.

Sem dúvida, toda árvore de conhecimento é representativa dos saberes do coletivo que abrange, um retrato da totalidade da sua capacidade nos mais variados campos do saber.

Conhecidos os ingredientes, o livro também fornece a receita para misturá-los corretamente. Partindo do princípio de que todo saber é universal, portanto coletivo, a troca de conhecimentos deve ser livre, cabendo a cada um definir o que deseja aprender. Evidentemente, tal desejo esbarra na vontade do outro em querer fornecer o conhecimento que possui. A liberdade funciona nos dois sentidos. Vislumbrando esse problema, o sistema foi dotado de moeda própria para motivar o intercâmbio, denominada Sol (*Standard Open Learning Unit*) e não-conversível em qualquer outra moeda. Deste modo, cada patente depositada na árvore será avaliada por critérios como valor científico e demanda registrada, entre outros. Calculado o preço em Sol, a dinâmica do mercado aliada à moeda garante o trânsito de saberes, já que para adquirir conhecimentos serão necessários Sóis para pagar ao depositante da patente. E para obtê-los em determinada quantia deve-se transmitir os conhecimentos possuídos, pois o saber, nesse sistema, é a única mercadoria de que as pessoas podem dispor. Portanto, podemos afirmar que é o processo de remuneração das patentes, juntamente com a demanda existente na obtenção de conhecimentos como consequência de uma era que tende a valorizar o saber adquirido, que garante o estímulo para o funcionamento do sistema.

Um outro aspecto a ser observado refere-se à aplicação de testes de avaliação. O depositante da patente é também o aplicador dos exames destinados a verificar se o interessado realmente absorveu o conhecimento visado, visto que é ele o detentor do saber, estando apto a medir o grau de absorção. A inovação aqui é a capacidade estendida a todas as pessoas, individualmente. Porém, deve-se atentar para a questão da qualidade do exame proposto como instrumento de avaliação, o que talvez implique em elaborar mecanismos de controle para evitar o reconhecimento indiscriminado de saberes, podendo ter como causa a própria moeda criada, em princípio, para ser o agente incentivador, colocando em risco a legitimidade do sistema.

Se uma moeda é criada para estimular o intercâmbio de saberes e a aplicação de exames avaliatórios pressupõe mecanismos de controle, como serão con-

trolados os depósitos de patentes? Na fábula "Samba" esse aspecto é abordado por um cético jornalista, receoso de que atividades como roubo ou tráfico de drogas possam utilizar-se do sistema, sendo esclarecido que o depósito de patentes será regulado por lei.

A segunda parte do livro é dedicada à explicação dos princípios e efeitos que integram o sistema. São apresentados os aspectos técnicos, como os de valoração de patentes, assim como os números mínimos para se constituir uma árvore e compor um brasão. Evidentemente, podemos supor que os números apresentados são fundados em experiências anteriormente realizadas, ou talvez em algum teste de laboratório, pois não são fornecidos maiores esclarecimentos sobre como foram determinados.

A terceira parte é voltada ao elucidamento das dúvidas que com certeza surgem quando o sistema é narrado na prática. Por ter sido acusado de Sistema Totalitário, o espaço é aberto sobretudo para o esclarecimento dos princípios que o integram.

Uma última observação a ser feita, a qual irá ajudar na resolução dos diversos obstáculos que venham a surgir no decorrer da aplicação do sistema: detalhes práticos deverão ser resolvidos pelos próprios usuários. Desta forma, podemos afirmar que basicamente são fornecidos os princípios orientadores para a implantação e posterior administração, os elementos indispensáveis para a sua existência (patente, brasão e a própria árvore) e as regras necessárias para a sua organização. Tal fato revela um sistema flexível às adaptações que deverão ser realizadas como resultado das peculiaridades existentes em cada coletivo.

Embora um tanto utópicas, as árvores de conhecimentos devem ser vistas como uma contribuição oferecida à sociedade com o objetivo de tornar realizável uma verdadeira integração social, como forma de combate a problemas como exclusão social e analfabetismo, abrindo uma porta para conduzir os indivíduos a uma nova maneira de interação social. □